

São João está dormindo, não acorda não! Celebrando a festa junina, apesar da pandemia

Saint John is sleeping, don't wake him up! Celebrating the june festival despite the pandemic

Luciana Chianca

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil

RESUMO

Até o fatídico ano de 2020, a festa junina ocupava um espaço de grande importância no calendário festivo anual do Brasil, especialmente nas regiões Norte e Nordeste. Com a pandemia de covid-19 e o cancelamento das celebrações em 2020 e 2021, toda a sua cadeia criativa e produtiva foi comprometida, desde os agentes da “pequena festa” até os grandes negócios ligados a turismo, indústria, transporte, bebidas e alimentos. Discutindo diversos artigos da mídia digital disponíveis na internet durante a pandemia, vimos como a suspensão da festa por dois anos atingiu os impressionantes rendimentos destes últimos setores. Ultrapassando os efeitos financeiros e econômicos, nossa leitura se aproximou dos relatos daqueles que sentiram de modo mais crítico o cancelamento das festas: artistas, artesãos, técnicos e toda a cadeia criativa organizada principalmente em torno do forró e das quadrilhas juninas. Inúmeros, esses protagonistas foram os mais vitimados no provimento da subvenção de demandas urgentes, como a alimentação diária e os recursos fundamentais à proteção contra a covid-19. E eles não pararam de comemorar, reagindo às inúmeras limitações desses dois anos atípicos. A Lei Aldir Blanc foi uma das respostas nacionais dos setores culturais e artísticos: com responsabilidade sanitária, foi possível seguir criando e celebrando. Funcionou a velha tática junina conhecida por todos: festejar “sem despertar o vírus”, assim como se faz com São João. O que os santos São José, São Pedro, Santo Antônio e Santa Isabel têm a ver com tudo isso?

Palavras-chave: São João, Festa junina, Festa, Covid 19, Pandemia.

Recebido em 25 de julho de 2022.
Avaliador A: 03 de agosto de 2022.
Avaliador B: 14 de agosto de 2022.
Aceito em 29 de setembro de 2022.



ABSTRACT

Until the fateful year of 2020, the June Festival occupied a space of great importance in the annual festive calendar of Brazil, especially in the North and Northeast regions. In the midst of the covid-19 pandemic and the cancellation of celebrations in 2020 and 2021, its entire creative and production chain was compromised, affecting from agents of “small parties” to significant business sectors, such as tourism, industry, and transport, as well as the food and drinks industry. Among the various digital media discussions available on the internet during the pandemic, we were able to observe how the suspension of June Festivals for two years hit the amazingly huge incomes of these sectors. Surpassing the financial and economic effects, our reading approached the reports of those who felt the cancellations of the festivals more critically: artists, artisans, technicians and the entire creative chain organized mainly around *farró* and *quadrilhas juninas* (June Festival dance groups). These countless protagonists were severely hit in the process of obtaining urgent subsidies for daily food and essential resources against the threat of covid-19. And they did not stop celebrating, reacting to the numerous limitations of these two atypical years. The Aldir Blanc Law was one of the national responses proposed by the cultural and artistic sectors: while maintaining sanitary health responsibly, they were able to continue creating and celebrating. The old June tactic known to all worked: celebrating “without awakening the virus”, as is done with Saint John. What do they – Saint Joseph, Saint Peter, Saint Anthony, and Saint Isabel – have to do with all this?

Keywords: Saint John, June Festival, Party, feasts, Covid-19.

PRÓLOGO PANDÊMICO E JUNINO

Como se respondesse às preocupações de São José, celebrado anualmente no dia 19, em 20 de março de 2020 o Brasil despertou para a confirmação de um terrível veredito: o Congresso Nacional aprovava o estado de calamidade pública em razão da pandemia de Covid 19¹. Ele dava sequência ao estado de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional², decretado pelo Ministério da Saúde, e à Lei nº 13.979³, que estabelecia um conjunto de medidas

1 Decreto Legislativo nº 6, de 2020. Disponível em: http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/DLG_6-2020?OpenDocument. Acesso em: 20 set. 2022.

2 Portaria nº 188, de 3 de fevereiro de 2020. Disponível em: https://www.normasbrasil.com.br/norma/portaria-188-2020_391454.html. Acesso em: 03 out. 2022.

3 Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Disponível em: <http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/>

para a segurança sanitária da população. O estado de calamidade aprofundou o receio, o medo e a desconfiança quanto a uma enfermidade que já havia revelado seu alto poder de contágio e letalidade.

Em tempos ordinários, o dia de São José anuncia, ainda no mês de março, o grau de abundância/fartura que vai marcar o ciclo junino, período que abarca o mês de junho com festividades alusivas aos santos católicos Antônio, João Batista e Pedro. Segundo a observação agrícola e ecológica nativa, se o dia de São José for chuvoso, as sementes plantadas vão germinar, e o próximo mês de junho será de mesas fartas. Por isso, o dia 19 de março é ansiosamente aguardado e escrutinado por agricultores de todo o país para a plantação de vários gêneros alimentícios, em especial o milho (AGRICULTORES...2013).

No Nordeste do Brasil, a chuva de São José também pressagia a qualidade e a quantidade da colheita daquele cereal que é o alimento mais característico do festivo mês de junho. Consumido assado ou cozido *in natura*, o milho é também a base da preparação da pamonha, da canjica, do xerém, do cuscuz ou manguzá, receitas abundantemente consumidas nas noites e nos dias de festa.

Não obstante as permanentes atualizações da relação dos agricultores com São José, uma canção muito conhecida reverencia o santo, eternizando para os homens o vínculo do santo com o principal dos santos juninos: São João⁴. Intitulada “São João do Carneirinho”, foi composta por Luiz Gonzaga e Guio de Moraes e interpretada por Luiz Gonzaga, retratando o diálogo de um agricultor com São João:

Eu plantei meu milho todo no dia de São José
 Me ajuda a providência
 Vamos ter milho à *grané*
 Vou *coiê* pelos meus cálculo
 20 espiga em cada pé

Ai São João, São João do Carneirinho
 Você é tão bonzinho
 Fale com São José, fale lá com São José

Viw_Identificacao/lei 13.979-2020?OpenDocument. Acesso em: 03 out. 2022.

4 A centralidade de São João no ciclo pode ser explicada pela hagiografia católica, que considera o santo o “mais puro entre os homens”. Contemporâneo de Jesus Cristo, é também seu primo, pois Maria e Isabel eram primas. Tendo sua santidade reconhecida por Jesus, São João o batiza às margens do rio Jordão na conhecida passagem dos Evangelhos bíblicos (BÍBLIA, Mateus, 3, 14-15). João Batista tem sua importância destacada pela Igreja Católica, que lhe devota a santidade por seu nascimento, não por sua morte, como ocorre com os demais santos. Para reforçar esse forte vínculo entre Cristo e João, suas festas de aniversário dividem o ano em duas partes e são celebradas com um intervalo de seis meses: uma em junho, a outra em dezembro. O protagonismo desse santo é confirmado também pela reverência popular: ele é o santo central do ciclo junino iniciado pela véspera do dia de Santo Antônio (dia 12), e se encerra no Dia de São Pedro, em 29 de junho. São João é o ápice, e, em muitos contextos, dá nome a todo o ciclo junino, conhecido também como Festas de São João. A esse respeito, ver Chianca (1991).

Peça pra ele me ajudar
Peça pra meu milho dá
20 espiga em cada pé. (DREYFUS, 1996).

No ano de 2020, porém, São José quase não escutou esta canção: diante de um contexto sanitário indecifrável e de contornos indiscutivelmente ameaçadores, todos estavam silenciosos ou pelo menos falavam e cantavam muito baixo. São José estranhou, se acautelou e chamou para si os santos Antônio, João e Pedro, que andavam nas redondezas, em meio aos preparativos para suas festas, que começariam dali a alguns dias. O comum é que no dia 20 de março elas já estejam bem avançadas quanto à organização. Por isso, os três santos estavam muito ocupados, distraídos com tudo que havia a preparar, mas atenderam à convocação de São José.

A conversa entre os quatro foi demorada e começou com um pedido de serenidade e muita atenção. Em seguida, São José anunciou aos santos juninos como o cenário sanitário se agravava em todo o mundo, atingindo o Brasil de modo assustador e ceifando milhares de vidas, inclusive no Nordeste, território que festeja os três santos com especial zelo e animação.

Então São José aconselhou os colegas: seria prudente festejar como se nada estivesse acontecendo? O risco às vidas de milhares de pessoas seria enorme! A excepcionalidade da situação pedia medidas radicais: melhor a cordura do que o risco de comprometer a contagiante alegria característica das festas juninas. Armado de coragem, ele perguntou, enfim: “Vocês aceitam adiar a festa junina desse ano, e talvez a do próximo?”. A confusão foi grande.

Os santos demoraram a se entender e não se conformavam, afinal suas festas são momentos intensos, de forte conteúdo sentimental, que potencializam trocas sociais em todos os aspectos, tanto pelos encontros entre familiares, vizinhos e amigos como pela formação e pelo reforço de vínculos amorosos e afetivos. Como ficariam os brasileiros sem essas festas, que muitos aguardam ansiosamente ao longo do ano, concretizando nesses dias negócios, viagens, visitas, comércios, e a produção de artigos especiais? Sem esquecer a vitalidade das criações artísticas e criativas que marcam tantas atividades sociais importantes e necessárias ao ciclo junino: como fazer festa sem as fogueiras, sem os fogos de artifício, o arraial, as bandeirinhas, os balões, as quadrilhas juninas, os forrós, os bois, as músicas e as comidas de festa?

Ao final, se impôs a sabedoria de São José sobre os santos juninos, que se uniram a ele para enviar uma mensagem de apaziguamento e resignação a todos que se preparavam para celebrar seus dias. Afinal de contas, a reputação positiva da festa junina não merecia semelhante mácula em sua longa história. Melhor seria que São João dormisse mais um pouco: nesses dois anos, também quase não se escutou a tradicional cantiga junina que tenta acordar São João para participar da festa:

Capelinha de Melão, é de São João, é de cravo, é de rosa, é de manjerição.
São João está dormindo, não acorda, não! Acordai, acordai, acordai, João! (CASCUDO,
1988).

Por tudo isso, em 2020 e 2021 a festa junina foi diferente. Quando houve, tudo aconteceu de modo muito discreto, sem alardes. Evitaram-se as grandes celebrações, que reúnem familiares, vizinhos de bairros urbanos ou de comunidades de áreas rurais. Festas centralizadas em áreas públicas para diferenciados clientes também foram canceladas pelas prefeituras municipais e pela iniciativa privada. Até mesmo as cidades famosas por realizar grandes festas urbanas, espetaculares, midiáticas e altamente comerciais suspenderam suas celebrações. Foram dois anos muito atípicos.

O cancelamento das grandes festas se apresentou como um sinal de que era preciso serenidade e respeito às normas. Porém de modos diversos, algumas vezes muito originais, as pessoas se reuniram, pois muitos não resistiram e acabaram fazendo festas juninas. Por isso, São João dormiu à vontade, mas de vez em quando pôde assistir, do alto, a muitas cenas inusitadas, às vezes preocupantes.

O cuidado, contudo, prevaleceu para a maioria da população, que respeitou decretos, leis e portarias, acatando as palavras prudentes de sanitaristas e profissionais de saúde que insistiam (sem saber, quiçá!) no combinado de São José com os santos Antônio, João e Pedro. Mesmo com prudência, ocorreram muitas celebrações, que retomaram antigas tradições ou inauguraram celebrações com novos rituais, viáveis em contextos de distanciamento social: modos de festejar que os santos ainda não conheciam e poucos poderiam imaginar, até bem recentemente.

PEQUENAS E GRANDES, DE CIMA E DE BAIXO: DEFINIÇÕES METODOLÓGICAS E DE PERSPECTIVA

Assim como o tema da festa na pandemia se impôs à nossa análise, a abordagem metodológica escolhida para o presente artigo reflete o aspecto inusitado do contexto desta investigação, cujo objetivo era compreender como a pandemia repercutiu no fazer festivo de seus diversos promotores, abarcados aqui pelas categorias “grandes” e “pequenos”. Qual é a dimensão macroeconômica dessa suspensão festiva? Como ela afetou a todos, especialmente os “pequenos”?

Nossa observação revelou que os “grandes” se lastimavam pelas perdas econômicas causadas pela interrupção das festas nos anos de 2019 e 2020. Enquanto isso, artistas, artesãos, dançarinos, músicos e produtores culturais “de baixo” se agitavam numa grande efusão criativa, marcada por diversas táticas de enfrentamento à pandemia que envolveram a recriação de muitos dos rituais e das práticas cotidianas da festa, em expressões de entreajuda e empatia, como as campanhas solidárias e os editais de fomento à produção artística e cultural, a exemplo da Lei Aldir Blanc.

Diante da impossibilidade de realizar uma pesquisa de campo com observação direta, nossa atenção se dirigiu às notícias veiculadas pela imprensa e por sites institucionais, incluindo importantes veículos nacionais e mídias locais. Seus conteúdos amplificavam depoimentos, entrevistas e dados que revelavam as estratégias, táticas e disposições dos agentes festivos diante da crise imposta pela covid-19.

Por conta do distanciamento físico, pesquisar a festa junina pela internet foi a experiência viável naquele presente etnográfico, impondo novas modalidades de observação, registro e compreensão:

De certo modo estou seguindo o fluxo do mundo, ou de parte dele, que durante a pandemia ocupou o espaço que pode ser chamado de on-line, digital, virtual, ciber, das redes sociotécnicas, mas que na prática vai chegando para cada um de nós no formato de uma tela em geral retangular, através da qual interações, conexões, práticas discursivas e não discursivas, modos de performatividade se produzem. (MALUF, 2021, p. 259).

Pela tela do computador, buscando as palavras-chave “São João” e “festa junina” nos motores de busca da Internet *Google.com* e *DuckDuckGo.com.*, pudemos observar como a mídia divulgou as informações sobre a festa nos anos imediatamente anteriores à pandemia e durante ela. Restringindo nossa abordagem aos artigos publicados ao longo de cinco anos (de 2016 a 2021), renunciamos à observação direta, assim como a um exercício de análise histórica de longo alcance que não caberia nos limites deste artigo.

Através dessas fontes secundárias acessamos celebrações grandiosas, geralmente envolvendo milhões de reais e milhares de pessoas, que chamamos de “grandes festas”. Esses eventos articulam negócios, espetáculos e multidões em cidades cujas festas são nacionalmente conhecidas e reconhecidas, como Parintins (AM), São Luís (MA), Mossoró (RN), Caruaru (PE), Estância (SE) ou Campina Grande (PB), segundo um modelo que se espalha por todo o país.

Recuperando esses dados da cultura macroeconômica e social envolvida na festa,

realizamos um movimento “para cima”, buscando “espiar por trás do anonimato de uma sociedade burocrática, para revelar os mecanismos usados por empresas distantes e indústrias de grande escala para direcionar aspectos cotidianos das nossas vidas” (NADER, 2020, p. 333). Incorporada neste artigo, esta *démarche* aproximou a “grande” e a “pequena festa junina”⁵, focos de análise cuja relação se tornou explícita na pandemia:

Estudar os “de cima”, assim como “de baixo”, nos levaria a fazer muitas perguntas de “senso comum” ao contrário. Em vez de perguntar porque [*sic*] algumas pessoas são pobres, perguntamos: por que outras pessoas são tão abastadas. (NADER, 2020, p. 334).

Reiterando o vigor mercadológico que envolve a festa junina, a ênfase dos veículos de comunicação recaiu frequentemente sobre os processos macroeconômicos, acompanhando a perspectiva liberal dominante nos tempos contemporâneos. A centralidade dos dados econômicos e dos valores quantitativos nos títulos e nos textos da imprensa é incontestável, seja em relação a turistas, empregos, impostos ou comércio, principalmente no período pré-pandêmico.

Em 2019 e 2020, a narrativa da perda econômica partilhou espaço com matérias e entrevistas interessadas nos “de baixo” que fazem a pequena festa acontecer. Estariam respeitando a suspensão das festas juninas? Que recursos estavam mobilizando e que alternativas propunham para uma celebração sem riscos epidêmicos? O que podiam ensinar à sociedade, então perdida e desorganizada pela suspensão da grande festa?

QUANDO SÃO PEDRO ANDAVA POR AQUI⁶: PRÉ-PANDEMIA, GRANDES FESTAS, LUCROS GRAÚDOS

O cancelamento do São João em 2020 gerou uma forte comoção, não apenas porque

5 Expressão análoga ao “Pequeno Carnaval” (PEREIRA DE QUEIROZ, 1992), usada para as festas de carnaval popular que se formaram no Rio de Janeiro “por volta de 1870”, como resposta ao “Grande Carnaval” das elites burguesas nacionais. Representadas pelos ranchos e depois pelas escolas de samba, “distinguiam-se nitidamente da maneira de brincar dos brancos”. Para a pesquisadora, “o triunfo dos ranchos significava a integração de camadas sociais inferiores nas comemorações carnavalescas” (PEREIRA DE QUEIROZ, 1992, p. 55-56).

6 A menção a São Pedro em suas andanças mundanas refere-se às narrativas populares compiladas por Benjamin (1994), que dá notícia de algumas situações em que São Pedro e Jesus Cristo protagonizam situações humanizadas em narrativas que ocupam cenários celestiais ou terrenos: “São Pedro e o bêbado”, “Cristo e os dois compadres”, “Jesus e São Pedro” e “Quando Nosso Senhor andava no mundo mais São Pedro” inspiraram nossa introdução ao presente artigo.

a celebração representa um importante elemento da identidade nacional, mas também por ser uma importante ferramenta a fomentar o dinamismo econômico do país através do comércio, da agricultura e da prestação de serviços tanto nas áreas rurais como nas cidades (FREIRE, 2019).

Ao extrapolar o Norte e o Nordeste comumente associados às festas, nossa pesquisa também permitiu verificar que a potência dessas festividades se espraiava por todo Brasil, atingindo também o Sul, o Centro-Oeste e o Sudeste. É o que revela o Ministério do Turismo do Brasil em 2017, que registrou de mais de 100 destes festejos no país (FESTEJOS..., 2017).

No ano seguinte foi publicado o Mapa dos Festejos Juninos, organizado pelo Ministério do Turismo (TURISMO..., 2018), que trazia informações sobre as festas cadastradas no Calendário Nacional de Eventos do órgão e informações originadas “majoritariamente das Secretarias Estaduais e Municipais de Turismo” (MINISTÉRIO DO TURISMO, s/d). Apesar de desatualizado, o mapa ainda pode ser visualizado: situando o cursor nos diversos chapéus de palha, localizamos e acessamos maiores informações sobre os municípios e eventos cadastrados.

Imagem 1. Mapa de festejos juninos



Fonte: Ministério do Turismo, s/d.

Conquanto caiba destacar a grande pulverização das inúmeras (e incontáveis) celebrações juninas que escapam a este inventário subsidiado pela agenda de eventos do

ministério⁷, reiterando que “sempre tem festas novas” (MINISTERIO DO TURISMO, s/d), o mapa aponta 140 celebrações juninas compiladas no ano de 2018. Nesse conjunto há uma grande diversidade de expressões festivas que se revelam na alimentação, nas bebidas, nas vestimentas, na decoração, nas danças, nas músicas e em outros elementos rituais diferenciados segundo as localidades.

No Norte também a festa arrebatava multidões: em 2016 o festival de Parintins (AM) mobilizou

[...] 70 mil turistas e gerou cerca de 4,5 mil empregos diretos e indiretos, injetando R\$ 100 milhões na economia local segundo a Amazonastur. No Pará, o Arraial dos Caetés em Bragança (PA) recebeu mais de 50 mil pessoas em quatro dias[,] com a geração de 1,2 mil empregos diretos e indiretos e movimentação econômica de R\$ 124,5 mil reais, beneficiando comunidades tradicionais e produtores de farinha, o ouro branco da região. (FESTEJOS..., 2017).

A região Sudeste também impressionava pelos números: “185 mil pessoas, com movimentação econômica de R\$ 1,68 milhão” (FESTEJOS..., 2017), referentes a seis dias de festas no Arraial de Belo Horizonte (MG) em 2019. No mesmo ano, por outro lado, a cidade de São Paulo trouxe para a cena pública o Arraial de São Paulo, com “expressões juninas de todo o Brasil” em “[...] shows, arraiais e apresentações de manifestações culturais como forró e repente (Nordeste), música caipira e sertanejo (Sudeste e Centro-oeste), carimbó e bumba meu boi (Norte) e vanerão (Sul), com 80 atrações espalhadas por 75 pontos da cidade” (SECRETARIA..., 2019).

De modo semelhante a São Paulo, onde por vezes há referência a festas juninas ocorrendo no mês de julho (SECRETARIA..., 2019), no Rio de Janeiro fala-se em festas “agostinas” (FESTAS..., 2019). Ou seja, na cidade, as celebrações de São João se prolongam até o mês de agosto:

O Rio não é só carnaval, e o Diário do Rio também tem a tradição de trazer todos os anos a agenda mais completa de festas juninas do Rio de Janeiro, e não seria diferente em 2019. Como sempre, é bom esclarecer que a agenda é atualizada diariamente, afinal, sempre tem festas novas pela cidade. (FREIRE, 2019b).

Com a interrupção dos festejos em 2020, esse processo de crescimento exponencial das cifras, do espaço e do tempo das festas foi bruscamente interrompido. Pelo jornal Folha de S.Paulo ficamos sabendo que o Nordeste teria um “prejuízo de mais de R\$1 bilhão sem festas de São João” (VALADARES; PITOMBO, 2020), considerando apenas quatro estados da região:

⁷ A agenda de eventos funciona como um “portal colaborativo” no qual “qualquer pessoa pode cadastrar informações sobre eventos que ocorram nos destinos turísticos” através de um link específico.

Pernambuco, Rio Grande do Norte, Bahia e Paraíba. Segundo a matéria, as cidades de Caruaru (PE) e Campina Grande (PB) deixariam de movimentar, juntas, R\$400 milhões naquele ano. Destacando esta última cidade, a “[...] movimentação de turistas começa ainda em maio, com a realização de festas privadas, o São João movimenta 200 milhões e gera uma receita de ICMS (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços) em junho que supera o mês de dezembro.” (VALADARES; PITOMBO, 2020).

Ainda segundo a Folha de S.Paulo, a interrupção da festa de Caruaru, “que atrai três milhões de pessoas durante o ciclo junino”, também impactou o trabalho, provocando a supressão de “12 mil empregos diretos e indiretos (que) eram gerados na cidade nesta época do ano”. Relacionados sobretudo ao setor hoteleiro e serviços de alimentação, muitos desses postos eram temporários, como revela um comerciante daquela cidade que trabalhava há 20 anos na cenográfica que era montada em Caruaru (VALADARES; PITOMBO, 2020).

Outra notícia divulgada pela imprensa nacional (o site UOL Economia) mencionava a expectativa de prejuízo de R\$500 milhões à Bahia no ano de 2020. Nesse estado, o governador revelou a importância do São João para aquele estado, comparando-o ao Carnaval:

A festa que movimenta e envolve economicamente, pessoalmente, o maior número de baianos é o São João, as festas juninas, que se concentram no final de junho, início de julho. Essas festas ocorrem em quase todos os municípios da Bahia, inclusive na capital (Salvador). O impacto econômico é muito grande. Não fazer as festas juninas, para o interior, é o equivalente ao que seria não fazer o Carnaval para a capital. (BAHIA..., 2020).

Em Brasília (DF), ainda em 2021 e após o primeiro ano de cancelamento, a Comissão de Cultura da Câmara dos Deputados reuniu-se com representantes do setor junino para apontar que, segundo dados do Ministério do Turismo, “em 2019, as festas juninas que ocorreram em 15 estados movimentaram R\$ 1,5 bilhão [...]. Apenas na Bahia elas teriam movimentado R\$ 700 milhões”, disse a deputada Lídice da Mata (PSB/BA). Para o prefeito de Amargosa, município daquele estado, “a cidade, de 40 mil habitantes, tem 10% do PIB proveniente das festas juninas, que movimentam a economia local com a realização de shows e o aluguel de casas para acomodar os turistas, que quase dobram a população local no período” (SEM FESTAS..., 2021).

De acordo com a Folha de S.Paulo, 30 cidades no estado de São Paulo tiveram suas festas canceladas em 2020, comprometendo R\$ 210 milhões de movimentação financeira. A Secretaria de Turismo do estado calculava as perdas financeiras em termos *per capita*:

[...] considerando que, em média, esses eventos duram três dias e têm um gasto médio por pessoa de pelo menos R\$ 90, deixarão de circular mais de R\$ 31 milhões na economia dessas cidades. A cifra sobe para R\$ 210 milhões quando considerado todo o estado, uma vez que quase todos os municípios realizam a festa – seja ela organizada

pela prefeitura, associações ou igrejas. (PERRIN, 2020).

Percebe-se que o secretário faz referência aos pequenos promotores da festa, destacando “o impacto distributivo desse tipo de evento que, diferente das grandes montagens, não concentra o retorno em uma grande organização, mas sim ativa os micros e pequenos empresários locais” (PERRIN, 2020). De fato, a suspensão das festas juninas provocou muito prejuízo financeiro, contabilizado não apenas pelos órgãos públicos, agências de viagem, empresas de transporte aéreo e terrestres e de hotelaria em geral, mas também nos empreendimentos locais diretamente envolvidos na festa. Se a suspensão da “grande festa” teve efeitos deletérios para os “de cima”, conquanto comprometam seus ganhos e benefícios, a desigualdade socioeconômica repercutiu violentamente no cotidiano e na subsistência dos “de baixo”, principalmente pelas demissões, suspensão de contratos de trabalho e outras fontes de renda informais.

O cenário pandêmico suspendeu também a circulação dos artigos característicos das celebrações (os chamados artigos *típicos*), como decorações e fogos de artifício, produzidos por pequenas e médias manufaturas, muitas vezes de caráter familiar (SÃO JOÃO..., 2021). O comércio local também sentiu a suspensão da produção: um único grupo de quadrilha da cidade de Recife, por exemplo, pode consumir até R\$ 100 mil entre tecidos, roupas, sapatos, bijuterias e acessórios pessoais de maquiagem e cabelo, além elementos decorativos como madeiras, espumas e plásticos (BRASILEIRO, 2020). Sem recursos e sem autorização para celebrar, como os festeiros da “pequena festa” reagiram?

A COMOÇÃO DA PEQUENA FESTA NA PANDEMIA: “NÃO DIGA QUE SANTO ANTÔNIO LHE ENGANOU”⁸

Os artistas e demais agentes da cadeia produtiva da festa foram profundamente afetados pelo cancelamento das celebrações de 2020 e 2021, a começar pelos músicos. Sendo o forró um tipo de música não exclusiva da festa, ele é executado, escutado e apreciado durante todo o ano. Porém é uma das maiores referências simbólicas da festa junina do Brasil, especialmente no Nordeste. Por isso mesmo, os seus músicos são extraordinariamente solicitados para

⁸ A expressão “Não diga que santo Antônio lhe enganou!” é uma alusão aos ímpetos amorosos a que podemos ser conduzidos no período das festas (e fora deles). Lembra que o santo não engana ninguém e, mesmo sendo casamenteiro, não recomenda que as alianças se façam sem critérios. Cada qual escolhe seu par, porém o santo não pode ser responsabilizado pelas más escolhas.

apresentações ao vivo neste período.

Os músicos de forró foram especialmente atingidos em seus ganhos financeiros, como explicita Fabiano Guimarães, sanfoneiro de 27 anos atuando em Campina Grande (PB): “Por trás de cada banda (de forró) tem milhares de pessoas, por trás de cada músico tem uma família”. Esse sanfoneiro, que “ganhou sua primeira sanfona aos sete anos de idade”, conta que, antes da pandemia, “a agenda era muito cheia. O último ano de São João, antes de entrar na pandemia, fizemos mais de 30 shows” (GONÇALVES, 2021).

Outro sanfoneiro da Bahia, Aldemário Coelho, destacou que a pausa da festa atingiu “cinco milhões de trabalhadores do setor” de forró, a “maioria deles numa situação crítica [...], à beira da fome”:

Nesse momento não se pode pensar em economia e, sim, em salvar vidas. Essa cadeia produtiva ultrapassa mais de cinco milhões de pessoas, mas quando a gente olha para aquelas que tocam no final de semana para comprar a alimentação da semana, aí que está o problema real, pontual, momentâneo, e que [*sic*] nós precisamos achar uma saída. (SEM FESTAS..., 2021).

As quadrilhas juninas são outro importante movimento que extrapola o período das festas. Não por sua execução, que se restringe mais especificamente ao São João, mas por seus longos preparativos, iniciados com mais de 8 meses de antecedência em alguns casos. Presentes em todo o país, são representadas por confederações e associações nacionais de quadrilheiros⁹, com milhares de participantes (dançarinos), equipes de coordenação e gestão dos grupos, além de músicos, coreógrafos, cabelereiros, maquiadores, cenaristas, bordadeiras, motoristas, ambulantes, costureiras, sapateiros, estilistas, adrecistas, marceneiros, ferreiros, pintores e especialistas em som e luz. Uma cadeia produtiva complexa de voluntários e profissionais que subitamente perderam importantes fontes de renda em 2021 e 2022.

Além dos ensaios e apresentações futuras, todos os demais eventos foram cancelados, sem previsão de retorno, inclusive aqueles que buscavam arrecadação de fundos para a produção de grupos de quadrilha. Para Etiales Nascimento, costureiro da Quadrilha Moleka 100 Vergonha de Campina Grande (PB), foi um período de inseguranças e incertezas, acompanhado de resiliência:

Só em 2019 fiz 209 figurinos para três quadrilhas. Para a Moleka 100 Vergonha foram 80 figurinos, 40 masculinos, 40 femininos. Agora tudo parou [...] A saída encontrada por Etiales para driblar a crise foi a produção de máscaras de proteção facial, usadas

⁹ Associações municipais e estaduais de quadrilhas e quadrilheiros, como a Confederação Brasileira de Entidades de Quadrilhas Juninas (Confebraq) e a Confederação Nacional de Quadrilhas Juninas (Conaqj).

para prevenir a contaminação pelo novo coronavírus. Segundo o costureiro, são pelo menos 2 mil máscaras produzidas semanalmente para atender a demanda de pedidos e compor a renda até o novo normal começar a ser encarado. (BRILHO..., 2020).

Um dos grupos de quadrilha mais importantes de Recife (PE) é a quadrilha Lumiar. Ela interrompeu suas atividades de súbito, em pleno processo de elaboração do espetáculo característico da exibição das quadrilhas de competição. Como afirmou Fabio Andrade, o marcador (líder coreográfico) e presidente do grupo, em entrevista:

Nós já estávamos em estúdio de gravação, já tínhamos feito praticamente toda a base do repertório e tudo foi interrompido. [...]. Tivemos que parar tudo, os trabalhos e os ensaios. Inicialmente, houve uma comoção muito grande, uma saudade já dos ensaios, porque é um dos períodos mais importantes para quem dança quadrilha. (BRASILEIRO, 2020).

Apesar das inevitáveis repercussões da suspensão das festas, as lideranças das quadrilhas tiveram bastante lucidez, como revela Mahatma Gandhi, presidente da quadrilha Moleka 100 Vergonha, de Campina Grande (PB):

Há clima para a gente dançar, brincar? Quem é que vai para o Parque do Povo¹⁰ com perigo de pegar a Covid-19? Não sabemos se quem pegou vai estar curado. E também temos familiares e amigos que faleceram com essa doença. Então vamos rezar para que a ciência faça a parte dela. Mas será que vai haver clima, já que estamos com 54.000 mortos? Daí, descobre-se a cura, e a gente vai dançar no outro dia? Vai ter clima para São João? (BRILHO..., 2020).

Mas as consequências econômicas e sociais dos cancelamentos da festa não se restringiram ao Nordeste. O jornal Campo Grande News (Corumbá/MS) lamenta que, após o cumprimento da novena, os andores de São João não desceram a Ladeira Cunha e Cruz transportados nas costas dos fiéis até o rio Paraguai em 2020, como pede a tradição festiva local, conhecida como Arraial do Banho de São João: “Nos quatro dias da edição de 2019, a última antes da pandemia, o evento atraiu cerca de 30 mil pessoas e movimentou R\$ 1,5 milhão, segundo dados da Fundação de Cultura e do Patrimônio Histórico de Corumbá” (SOUZA, 2021).

Em Belo Horizonte (MG), o setor das quadrilhas juninas também foi profundamente afetado pelo cancelamento do Arraial de Belo Horizonte, festa oficial da cidade desde 1970, que realiza uma importante competição de grupos de quadrilha junina desde 2005. A suspensão da festa afetou “não somente os setores cultural e turístico de Belo Horizonte, como também os próprios grupos e dançarinos, que se preparavam para a disputa” (ROLHA, 2020).

¹⁰ Espaço principal da festa pública, localizado no centro de Campina Grande (PB).

Os grupos ligados à União Junina Mineira (associação dos grupos de quadrilha de Minas Gerais) destacaram que também promoveriam ações para minimizar a falta de ensaios e reuniões presenciais, tão importantes para “manter a união e dinâmica do grupo. Temos dançarinos geniais, com uma força incrível, que mesmo diante de qualquer dificuldade não se deixam abalar dentro do grupo”, como afirmou Grace Kelly, vice-presidente Associação Cultural e Recreativa Paixão Junina, com oito anos de atividade em 2020 e “60 componentes, entre diretoria, dançarinos e equipe de apoio”. Uma de suas dançarinas, que participa do grupo desde 2013 dizia, então: “Antes de eu conhecer o grupo, era uma menina, digamos, sem responsabilidade com algumas coisas. Depois que entrei para o grupo, aprendi muitas coisas. Hoje não vivo sem a quadrilha. São minha segunda família.” (ROLHA, 2020).

No plano local, foram muitos desafios de ordem econômica e psicológica, como comentou Michelly Miguel, presidente da Fequajupe¹¹: “[...] o fim do “sonho junino” de 2020 repercutiu até na saúde emocional dos brincantes. Hoje nós temos quadrilheiros com depressão, com crise de ansiedade, quadrilheiros tristes em casa. Tá sendo bem complicado, bem pesado.” (BRASILEIRO, 2020).

O SONHO E O SONO DE SÃO JOÃO: REINVENÇÕES PANDÊMICAS

Os pequenos empresários, as comunidades e as pessoas diretamente envolvidas nas festividades precisaram de critério e ponderação nas decisões. Mas ninguém pode acusar Santo Antônio, pois, na conversa com São José, ele já havia avisado que a interrupção da festa por dois anos não seria fácil para seus celebrantes.

Inspirando-se na prudência do santo casamenteiro, como festejar sem aglomeração? Era fundamental superar os desafios da temida suspensão da festa, reencontrando amigos, familiares, vizinhos, colegas de profissão e ofício. Como reação à solidão e à depressão, muitos decidiram celebrar os festejos juninos, desafiando a pandemia com a conhecida criatividade e resiliência do movimento junino. Muitos “Acorda, João!” foram enviados a São João, mas suavemente, com cuidado. Talvez por isso ele continuou dormindo, e a festa aconteceu.

Vários grupos, coletivos, profissionais, brincantes e comunidades diretamente

¹¹ Fequajupe é a Federação de Quadrilhas Juninas de Pernambuco. Além da Fequajupe, Michelly Miguel também presidia a União Nordestina de Entidades Juninas - Unej (BRASILEIRO, 2020).

envolvidas com os festejos buscaram superar o luto e as dores mais recentes transpondo prudentemente algumas das limitações e restrições das normas sanitárias, geralmente mantendo o distanciamento físico necessário e contribuindo para o respeito ao uso de máscara e álcool em gel na desinfecção das mãos. Ainda de forma presencial, porém no resguardo do distanciamento, assistimos a celebrações como carreatas juninas, “forroviocas”¹² de forró (CERQUEIRA, 2020) e ao surgimento do *delivery* de comidas juninas (MIRANDA, 2020b), entre outras atividades.

Expressões muito importantes da celebração tradicional junina ganharam força e visibilidade na *web*, facilitadas pela grande disseminação dos celulares no Brasil e pelo acesso cada vez mais frequente à internet. Diante da pandemia, esse ambiente social e tecnológico proporcionou as condições ideais para a realização de festas juninas pelas redes sociais, novo espaço para os rituais tradicionais da festa junina presencial:

Mantiveram-se correios elegantes, dicas de decoração de ambientes juninos, confecção de máscaras juninas, *lives*¹³ musicais com artistas do forró (gênero predominante), reapresentação de quadrilhas, casamentos juninos virtuais, desfile de moda junina, produção de documentários sobre a festa, encontros online para debates e seminários, missas e outros rituais para os santos padroeiros (e até procissão). (CHIANCA; MENEZES NETO, 2021, p. 92).

Entre os músicos de forró, destacamos a grande quantidade de shows transmitidos pela internet e assistidos sincronicamente, mobilizando centenas de artistas em *lives*. Como destacaram Sandroni e Santos (2021, p. 88), “trata-se de uma interessante ilustração do conhecido paradoxo do neotradicionalismo, em que versões ‘tradicionais’ de práticas culturais são defendidas mediante recursos ‘modernos’”.

Dentre essas ações, um destaque é o São João na Rede, evento promovido pela Associação Respeita Januário (PE), pelo Fórum Nacional Forró de Raiz e pela Associação Cultural Balaio Nordeste, na Paraíba (SANTOS; SANDRONI, 2021). Presidente desta última, Joana Alves lembra que a missão de manter as celebrações atende também ao respeito pela festa, enquanto patrimônio cultural: “O São João é aquele momento em que o artista do forró mais trabalha para poder manter o equilíbrio dos grupos, ter bons instrumentos, boa qualidade de serviço” (SEM FESTAS..., 2020).

Ainda no campo musical, em Caruaru (PE) o Troféu Danado de Bom realizou sua edição

12 Forroviocas são trios elétricos de forró, em geral veículos de grande porte (ônibus ou caminhões) adaptados para transportar músicos e uma aparelhagem de som de potente amplificação, a fim de compartilhar os conteúdos musicais executados ao vivo para o público que assiste, como num desfile, à passagem da forrovioca – ou, em alguns casos, a acompanha enquanto se desloca.

13 *Lives* são apresentações veiculadas ao vivo pela internet.

de 2020 com uma votação virtual pública de onze artistas “para escolher a música do São João” dentre as previamente selecionadas pelos jurados do concurso: “Para votar, basta acessar o site. No endereço é possível ouvir as canções e escolher a sua preferida. Também há uma *playlist* no Youtube, Deezer e Spotify com as músicas participantes” (MIRANDA, 2020a). Em Mossoró (RN) foram realizados festivais de poetas repentistas e sanfoneiros, além de concursos de música junina autoral, como a segunda edição do Concurso Nacional de Compositores Juninos para quadrilhas, “com objetivo de reconhecer, divulgar e valorizar os compositores de músicas para quadrilhas juninas de todo o Brasil, o evento teve sua primeira edição em 2020, quando contou com a participação de mais de 60 inscritos, oriundos de 16 estados do Brasil.” (DESFILÉ..., 2021).

Reforçando o recurso à metonímia ritual que Chianca e Menezes Neto (2021) e Leal (2021) identificaram nas festas realizadas durante a pandemia, grupos de quadrilha junina fizeram apresentações e desfiles “resumidos”, com número reduzido de participantes presenciais ou em *lives* transmitidas diretamente das residências ou de espaços restritos (com ou sem uso de máscara), sem público presencial e respeitando algum distanciamento físico.

Também houve muitas discussões e encontros com rodas de conversa entre os quadrilheiros. Promovidas pela prefeitura municipal e pela Fundação de Cultura Cidade do Recife (PE) junto a entidades do movimento quadrilheiro,¹⁴ as Rodas aconteceram em “três encontros online, para conversar sobre origens e impactos sociais das quadrilhas, além de possíveis futuros para a colorida tradição na cidade” (SÃO JOÃO, 2020).

Foram atividades que mobilizaram muitas lideranças festivas, contrariadas diante da suspensão das apresentações convencionais dos grupos: “Estamos em casa ociosos e engordando. O que nos resta agora é fazer *lives* de vários tipos, com diretores, sobre troca de experiência com outros estados” (ALVES, 2020), como afirma Mahatma Gandhi, presidente da quadrilha junina Moleka 100 Vergonha, de Campina Grande (PB). Além de eventos formativos e de mobilização de liderança, também foram produzidas séries de documentários com temas ligados à festa junina, lançados em 2020 e 2021 (ALVES, 2020). Em 2021, a Quadrilha Junina Zabumba, de Camaragibe (PE), promoveu um desfile de moda virtual que celebrava seus 20 anos de existência “com figurinos que vão recontar toda sua trajetória de glória nos palhações [*sic*]¹⁵ do Nordeste” (DESFILÉ..., 2021).

14 A Liga Independente de Quadrilhas Juninas do Recife (Liquajur) e a Federação de Quadrilhas e Similares do Estado de Pernambuco (Fequajupe).

15 Provavelmente um erro de digitação. “Palhoções” são estruturas de madeira com laterais de estrutura em madeira. Sua entrada geralmente tem um pórtico feito com duas palhas de coqueiro trançadas e unidas no alto,

Em Boa Vista (RR), o formato *live* e fora de época (ou seja, fora do período convencional da festa) marcou a festa de 2020, que aconteceu do 3 ao 6 de dezembro daquele ano, com vários concursos de quadrilhas “resumidas” promovidos pela Prefeitura Municipal de Boa Vista e transmitidos pelo canal oficial da prefeitura no Facebook, no Instagram e no Youtube:

Serão quatro noites de transmissão ao vivo [...] [e] disputas como o Concurso do Rei Matuto e Rainha Caipira e o Concurso Rodada de Saia, com direito a premiações. [...] Seguindo todas as medidas de segurança, as 25 quadrilhas juninas farão suas apresentações culturais para o público em casa. Será permitido [*sic*] de 8 a 12 casais e mais o casal de noivos na arena, e 10 minutos para cada quadrilha mostrar sua desenvoltura e esbanjar alegria no Maior Arraial da Amazônia. (BV JUNINA..., 2020).

O Sesc também promoveu um concurso virtual de “Destaques juninos”, com disputa de quadrilhas representadas por Casais de Noivos, Rainhas Juninas e rainhas juninas da diversidade (CONCURSO..., 2020) em Juazeiro do Norte (CE). No Rio de Janeiro (RJ), a Companhia Folclórica Junina promoveu um concurso de casais de quadrilha virtualmente, com a participação de um casal por quadrilha e votação popular pelo Instagram (COMPANHIA..., 2020).

Concursos de quadrilhas metonímicos, realizados pela Associação das Quadrilhas Juninas com apoio da prefeitura municipal, também ocorreram em Campina Grande (PB); neles foram escolhidas a melhor rainha, o melhor casal de noivos, o melhor casal junino e a rainha da diversidade. O concurso da rainha das quadrilhas foi “promovido e coordenado pela Associação de Quadrilhas Juninas de Campina Grande (Asquaju-CG), que também o difundiu em seu Instagram, com apoio oficial da Prefeitura Municipal de Campina Grande e transmitido pela TV UEPB” (CHIANCA; MENEZES NETO, 2021, p. 103)¹⁶.

Em Pernambuco, várias competições envolveram os grupos de quadrilha com seus casais; também foram realizados os originais concursos de TikTok junino infantil, promovido pelas Quadrilhas Juninas de Pernambuco (Fequajupe) e pela Liga das Quadrilhas Juninas dos Sertões - Liquajus (CHIANCA; MENEZES NETO, 2021). Em outros casos, os grupos participaram de eventos de outras cidades e estados, como o Rainha G, concurso da Quadrilha Ceará Junino, que em 2020 premiou Pablety Lima, da quadrilha Origem Nordestina, de Recife:

formando um arco. O teto pode ser recoberto por palha de coqueiro, lonas ou plásticos. Geralmente construídos em espaços públicos como terrenos livres, ruas e praças, os palhoções são espaços festivos provisórios montados especialmente para a ocasião e delimitam o território festivo: dentro dele, há música ao vivo (ou gravada) e se dança forró ou quadrilha. Em torno do palhoção há comida, bebida e muita circulação de pessoas.

16 O concurso na íntegra está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bus0ZPmbX8s>. Acesso em: 29 mai. 2021.

Inovação e ousadia. Duas palavras que definem o projeto promovido pela Quadrilha Ceará Junino. Não é fácil realizar um concurso onde a bandeira LGBTQIA+ se estende e clama por representatividade, principalmente na Quadrilha Ceará Junino, que em toda sua história nunca teve uma dama trans no corpo de quadrilheiros. “A quadrilha até o momento não tem damas trans, mas é um papel meu [,] enquanto organizador, trabalhar para que isso venha a acontecer”, ressalta Bruno Leonardo Felipe da Silva, 33, que faz parte da direção do concurso. (CALADO, 2020).

As redes também possibilitaram muitas experiências de apoio e entreatada, como campanhas solidárias realizadas por artistas, técnicos e artesãos juninos e de doação de alimentos, artigos higiênicos, máscaras, álcool em gel e outros itens necessários à preservação da vida durante a pandemia, distribuídos segundo o rigor das normas sanitárias, com respeito ao distanciamento físico.

CONCLUSÃO: “ACORDAI, ACORDAI, ACORDAI JOÃO!”

Pudemos perceber que os empreendimentos comerciais ligados à festa (situados nos setores turísticos, industriais, de transportes e de comércio atacadista) foram frontalmente atingidos pela pausa realizada nesses dois anos, comprometendo grandes lucros e recolhimentos de tributos da parte dos entes do estado. No plano local, os grupos de quadrilhas, músicos, artistas e outras tantas pessoas e agentes festivos permaneceram mobilizados. Para eles, o São João não é um negócio, mas uma expressão de afetos, vivências, criações, bases locais e familiares de vínculos, além de fonte de renda.

Neste artigo exploramos como os surpreendentes números ligados ao público e às cifras mobilizadas pela grande festa não se dissociam da experiência dos músicos, quadrilheiros, vizinhos e colegas que buscaram “inventar”, “descobrir” e “criar” soluções para a crise de saúde pública da covid-19, buscando suprir as demandas financeiras e sociais de seus coletivos. Em suas falas, vimos referências à comoção, à depressão, à insegurança, à fome, à ansiedade, à solidão e à saudade conjugadas a ousadia, coragem, união, resiliência e alegria.

A experiência de celebrar os santos juninos com distanciamento trouxe muitos aprendizados originais para todos envolvidos na festa. De maneira estratégica, primeiramente o objetivo foi manter ativos os profissionais direta e indiretamente ligados ao setor junino: embora desviados de suas atribuições habituais, músicos, costureiros, cozinheiros, pintores, técnicos e artistas de diversas especialidades recorreram a atividades profissionais alternativas

para sustentar suas rendas, violentamente atingidas pela pandemia.

A aprovação da Lei nº 14.017 de 29 de junho de 2020 (a Lei Aldir Blanc) nesse contexto foi de grande importância, pois viabilizou a manutenção da atividade artística e cultural e contribuiu para a sustentação de toda a cadeia produtiva e social dos setores da cultura afetados pela calamidade pública da covid-19.

A necessidade de políticas públicas voltadas ao setor cultural brasileiro se evidenciou e ganhou a cena política durante a pandemia, a referida lei despontou como um produto da mobilização nacional em torno do circuito criativo que as festas juninas também compõem¹⁷.

Percebemos que a Lei Aldir Blanc impactou também os setores da economia criativa associados à festa junina: muitos dos eventos citados nesse artigo foram financiados pela Aldir Blanc, que viabilizou não apenas a manutenção de muitas práticas, artistas e grupos, mas também tornou possível a “criação” de novas possibilidades festivas em formato virtual.

Antes da pandemia e durante seu período mais crítico foram organizadas várias ações de solidariedade e suporte para artistas, técnicos e membros de grupos e coletivos especializados no ciclo junino, que levaram cestas básicas de alimento, máscaras, álcool, sabão e outros itens aos trabalhadores. Grupos e comunidades frequentemente opostos, em situações de rivalidade proporcionadas por concursos e disputas festivas (como as quadrilhas de concurso), perceberam a urgência de colaborar, de se entreatar e se solidarizar, o que de fato fizeram. Isso reforça o sentimento evocado por Fabio Andrade, presidente da quadrilha Lumiar, de Recife (PE): “Acredito que quando isso passar, que a gente tiver oportunidade de voltar, a coisa vai ser muito linda, vai ser muito forte. Vai ser uma festa linda, o quadrilheiro vai delirar, ele vai levar alegria pro mundo” (BRASILEIRO, 2020).

Outro importante efeito coletivo foi a descoberta e o reconhecimento da relevância da festa para além de seu caráter social e cultural: a festa junina é um grande negócio que mobiliza diversos setores da economia nacional. Porém, de modo inversamente proporcional à potência econômica da festa, que sofreu “prejuízos” e “perdas”, a cultura expressou sua força nesse espaço de faltas, revisitando suas tradições e práticas e construindo formas alternativas de celebração com colaboração e entreatada.

Em 2022, retornamos à presença e à proximidade tão fundamentais a esse ciclo festivo, marcado pela sociabilidade de familiares, vizinhos, amigos e todas as comunidades envolvidas na festa e em seus preparativos. O sentido de continuidade de algumas dessas reinvenções

¹⁷ Isso repercutiu em novos projetos de lei na mesma direção, avançando a Lei Aldir Blanc em duas novas políticas de Estado para a cultura: a Lei Aldir Blanc II e a Lei Paulo Gustavo.

festivas aqui descritas, no entanto, não foram objeto de nossa análise no presente artigo, que buscou evidenciar as conexões entre a grande e a pequena festa, revelando a vitalidade da produção cultural, artística e sociotécnica dos “de baixo”.

O “tempo da pandemia” ainda não passou, pois a covid-19 continua vitimando muitos brasileiros, inclusive fatalmente. Talvez seja melhor deixar São João descansar: reza a lenda que, se ele despertar em sua noite de festa, pode incendiar a Terra, soltando rojões, fogos e foguetes proporcionais à sua magnitude. É por isso que sua mãe Isabel embala o menino para que ele não acorde:

-Minha mãe, quando é meu dia?, pergunta João.
 -Seu dia já passou.”, responde Santa Isabel.
 -Numa festa tão bonita minha mãe não me acordou? (CASCUDO, 1988).

Esperemos as prudentes conclusões do colóquio que São José vai manter com Santo Antônio, São João e São Pedro em março de 2023. Nossas próximas festas juninas dependem muito dele.

REFERÊNCIAS

1. AGRICULTORES REZAM POR CHUVA PARA QUE A COLHEITA SEJA FARTA. **Jornal da Paraíba**, Paraíba, 17 mar. 2013. Vida Urbana. Disponível em: https://jornaldaparaiba.com.br/noticias/vida_urbana/2013/03/17/agricultores-rezam-por-chuva-para-que-a-colheita-seja-farta. Acesso em: 03 out. 2022.
2. ALVES, Cida. São João de Campina Grande traz lives com artistas: O São João de Campina em casa. **Brasil de Fato**, João Pessoa, 16 jul. 2020. Disponível em: <https://www.brasilefatopb.com.br/2020/06/22/sao-joao-de-campina-grande-traz-lives-com-artistas-o-sao-joao-de-campina-em-casa>. Acesso em 14 jul. 2022.
3. BAHIA PREVÊ R\$ 500 MI DE PREJUÍZO SEM FESTAS JUNINAS; CARNAVAL 2021 É INCERTO. **UOL**, São Paulo, 24 jun. 2020. **Economia**. Disponível em: <https://bit.ly/3TcrAJP>. Acesso em: 13 jul. 2022.
4. BENJAMIN, Roberto (coord.). **Contos populares brasileiros**: Pernambuco. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Ed. Massangana, 1994.
5. BÍBLIA SAGRADA. Petrópolis: Editora Vozes, 1983.
6. BRASILEIRO, Paula. O ano em que o Nordeste ficou sem São João. **LeiaJá**, S. l., 15 mai. 2020. Disponível em: <https://www.leiaja.com/cultura/2020/05/15/2020-o-ano-em->

- que-o-nordeste-ficou-sem-sao-joao/. Acesso em: 14 jul. 2022.
7. BRILHO DAS QUADRILHAS JUNINAS SE APAGA COM A PANDEMIA. **Jornal da Paraíba**, Paraíba, 23 jun. 2020. Cultura. Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/cultura/2020/06/23/brilho-das-quadrilhas-juninas-se-apaga-com-a-pandemia-da-covid-19-quadrilheiros-e-informais-do-setor-lamentam>. Acesso em: 22 jul. 2022.
 8. BV JUNINA LIVE- MAIOR ARRAIAL DA AMAZÔNIA COMEÇA NESTA QUINTA-FEIRA, 3. **Boa Vista**, Boa Vista, 01 dez. 2020. Disponível em: <https://www.boavista.rr.gov.br/noticias/2020/12/bv-junina-live-maior-arraial-da-amazonia-comeca-nesta-quinta-feira-3>. Acesso em: 14 jul. 2022.
 9. CALADO, Samuel. Quadrilheira pernambucana conquista título de Rainha G do Brasil. **Diário de Pernambuco**, Recife, 30 jun. 2020. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2020/06/quadrilheira-pernambucana-conquista-titulo-de-rainha-g-do-brasil.html>. Acesso em: 14 jul. 2022.
 10. CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
 11. CERQUEIRA, Milena. São João do Recife: Forroviocas, apresentações virtuais e forrobodó. **Folha de Pernambuco**. Recife, 23 jun. 2020. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/sao-joao-do-recife-vai-acontecer/143251/>. Acesso em: 14 jul. 2022.
 12. CHIANCA, Luciana. **Viva São João: o santo e sua festa**. 1991. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1991.
 13. CHIANCA, Luciana: MENEZES NETO, Hugo. Vai ter São João! quadrilhas e concursos em tempos de Covid-19 em Pernambuco e na Paraíba. *In*: CAVALCANTI, Maria Laura; GONGALVES, Renata de Sá (org.) **A falta que a festa faz: celebrações populares e antropologia na pandemia**. Rio de Janeiro: UFRJ: Museu Nacional, 2021. p. 91-108.
 14. COMPANHIA FOLCLÓRICA JUNINA PROMOVE CONCURSO VIRTUAL DE QUADRILHAS. **G1 Rio**, Rio de Janeiro, 14 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/07/14/companhia-folclorica-junina-promove-concurso-virtual-de-quadrilhas.ghtml>. Acesso em: 14 jul. 2022.
 15. CONCURSO ONLINE JUNINO DO SESC JUAZEIRO DO NORTE SELECIONA CASAL DE NOIVOS, RAINHA JUNINA E RAINHA JUNINA DA DIVERSIDADE 2020. **Notícias SESC CE**, Ceará, 08 jun. 2020. Disponível em: <https://www.sesc-ce.com.br/noticias/concurso-online-junino-do-sesc-juazeiro-do-norte-seleciona-casal-de-noivos-rainha-junina-e-rainha-junina-da-diversidade-2020/>. Acesso em 10 jul 2022.
 16. DESFILE DE MODA E CONCURSO DE COMPOSITORES MARCAM OS 20 ANOS DA JUNINA ZABUMBA. **Secretaria de Cultura de Pernambuco**, Recife, 19

- jan. 2021. Disponível em: <http://www.cultura.pe.gov.br/canal/leialdirblanc/desfile-de-moda-e-concurso-de-compositores-marcam-os-20-anos-da-junina-zabumba/>. Acesso em: 14 jul. 2022.
17. DREYFUS, Dominique. **Vida do viajante**: a saga de Luiz Gonzaga. São Paulo: Ed. 34, 1996.
18. FESTAS JUNINAS 2019 NO RIO DE JANEIRO. **ORiodeJaneiro**, Rio de Janeiro, 19 jul. 2019. Disponível em: <https://oriodejaneiro.com.br/festajunina-htm/>. Acesso em: 18 jul. 2022.
19. FESTEJOS JUNINOS MOVIMENTAM ECONOMIA E GERAM EMPREGO NO BRASIL. **Ministério do Turismo**, Brasília, 21 jul. 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/festejos-juninos-movimentam-economia-e-geram-emprego-no-brasil>. Acesso em: 14 jul. 2022.
20. FREIRE, Juney. Tradição de festas juninas/julinas é um modo de economia criativa. **Univeritas**, Centro Universitário Universus Veritas, s/l, 29 jul. 2019(a). Disponível em: <https://www.univeritas.com/noticias/tradicao-de-festas-juninasjulinas-e-um-modo-de-economia-criativa>. Acesso em: 14 jul. 2022.
21. FREIRE, Quintino Gomes. Agenda das festas juninas no Rio de Janeiro em 2019. **Diário do Rio**, Rio de Janeiro, 19 jul. 2019(b). Disponível em: <https://diariodorio.com/agenda-das-festas-juninas-no-rio-de-janeiro-em-2019/>. Acesso em: 18 jul. 2022.
22. GONÇALVES, Rafaela. Forrozeiros buscam soluções para falta de renda sem festas juninas. **Jornal do Sudoeste**, Brumado, 12 jun. 2021. Disponível em: <https://www.jornaldosudoeste.com/forrozeiros-buscam-solucoes-para-falta-de-renda-sem-festas-juninas/>. Acesso em: 14 jul. 2022.
23. LEAL, João. A falta que a festa faz. In: CAVALCANTI, Maria Laura; GONGALVES, Renata de Sá (org.). **A falta que a festa faz**: celebrações populares e antropologia na pandemia. Rio de Janeiro: UFRJ: Museu Nacional, 2021. p. 91-108.
24. LIVE DAS RAINHAS JUNINAS DE CAMPINA GRANDE. **YouTube**, 04 jul. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bus0ZPmbX8s>. Acesso em: 29 mai. 2021.
25. MALUF, Sonia Weidner Janelas sobre a cidade pandêmica: desigualdades, políticas e resistências. **Revista TOMO**, n. 38, p. 251-285, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21669/tomo.vi38.14280>. Acesso em: 22 set. 2021.
26. MINISTERIO DO TURISMO. **Agenda de Eventos**. Brasília, s/d. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/agenda-eventos>. Acesso em: 16 de jul. 2022
27. MIRANDA, Ana Maria Santiago de. Projetos de São João da TV Jornal com mais interatividade. **NE 10 interior/UOL**, Recife, 05 jun. 2020a. Disponível em: <https://interior.ne10.uol.com.br/entretenimento/2020/06/05/projetos-do-sao-joao-da-tv-jornal->

- com-mais-interatividade-189675. Acesso em: 22 jul. 2022.
28. MIRANDA, Ana Maria Santiago de. Prefeitura de Caruaru lança São João Solidário: saiba como participar. **NE 10 interior/UOL**, Recife, 01 jun. 2020b. Disponível em: <https://interior.ne10.uol.com.br//entretenimento/2020/06/01/prefeitura-de-caruaru-lanca-sao-joao-caruaru-solidario-saiba-como-participar-189430>. Acesso em: 14 jul. 2022.
29. NADER, Laura. Para cima, Antropólogos: perspectivas ganhas em estudar os de cima. **Antropolítica – Revista Contemporânea de Antropologia**, n. 49, p. 328-356, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/antropolitica2020.i49.a44427>. Acesso em: 22 set. 2022.
30. NECKEL, Lais Cabral. **Entre o emergencial e o estratégico**. Entre a pandemia e o pandemônio: a articulação nacional de emergência cultural e a Lei Aldir Blanc. 2022. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.
31. O SÃO JOÃO DE CAMPINA EM CASA. **YouTube**, 23 abr. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCqhxeu8uKCSUe5XQXZ4dPJQ>. Acesso em: 14 jul. 2022.
32. PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1992.
33. PERRIN, Fernando. Suspensão de festas juninas em SP leva a perda de R\$210 mi. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 24 jun. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/06/suspensao-de-festas-juninas-em-sp-leva-a-perda-de-r-210-mi.shtml>. Acesso em: 14 jul. 2022.
34. ROLHA, Matheus. Suspensão do Arraial de BH prejudica grupos quadrilheiros. **Jornal Daqui**. Belo Horizonte, 27 maio 2020. Disponível em: <https://www.daquibh.com.br/suspensao-do-arraial-de-bh-prejudica-grupos-quadrilheiros/>. Acesso em: 14 jul. 2022.
35. SANTOS, Climério de Oliveira; SANDRONI, Carlos. Festival São João na Rede: celebração do forró em meio à pandemia. *In*: CAVALCANTI, Maria Laura; GONGALVES, Renata de Sá (org.). **A falta que a festa faz: celebrações populares e antropologia na pandemia**. Rio de Janeiro: Museu Nacional: UFRJ, 2021. p. 91-108.
36. SÃO JOÃO: COMÉRCIO VAREJISTA AINDA SOFRE COM IMPACTOS DA PANDEMIA. **SuaCidade**, São Luís, 24 jun. 2021. Disponível em: <http://www.suacidade.com/noticias/economia/sao-joao-comercio-varejista-ainda-sofre-com-impactos-da-pandemia>. Acesso em: 13 jul. 2022.
37. SÃO JOÃO DO RECIFE 2020 COMEÇA HOJE (16), COM RODAS DE CONVERSA COM QUADRILHEIROS. **Visit.Recife**, Recife, 16 jun. 2020. Disponível em: <https://visit.recife.br/en/sao-joao-do-recife-2020-comeca-hoje-16-com-rodas-de-conversa-com-quadrilheiros/>. Acesso em: 14 jul. 2022.

38. SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA PROMOVE FESTEJOS JUNINOS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE. **Prefeitura de São Paulo**, São Paulo, 25 maio 2019. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=25905>. Acesso em: 18 jul. 2022.
39. SEM FESTAS JUNINAS FORROZEIROS BUSCAM SOLUÇÕES PARA FALTA DE DINHEIRO. **Câmara dos Deputados**, Brasília, 04 jun. 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/768571-sem-festas-juninas-forrozeiros-buscam-solucoes-para-falta-de-dinheiro/>. Acesso em: 14 jul. 2022.
40. SOUZA, Paulo Nonato de. Turismo ficará mais um ano sem os festejos de São João. **Campo Grande News**, Campo Grande, 13 abr. 2021. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/turismo/turismo-ficara-mais-um-ano-sem-os-festejos-de-sao-joao>. Acesso em: 14 jul. 2022.
41. TURISMO LANÇA MAPA DE FESTEJOS JUNINOS. **Ministério do Turismo**, Brasília, 05 jul 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/turismo-lanca-mapa-de-festejos-juninos>. Acesso em: 16 jul. 2022.
42. VALADARES, João; PITOMBO, Joao Pedro. Nordeste terá prejuízo de mais de R\$1 bilhão sem festas de São João. **Folha de S.Paulo/UOL**, São Paulo, 23 jun. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/06/sem-festas-de-sao-joao-nordeste-tera-prejuizo-de-mais-de-r-1-bilhao.shtml>. Acesso em 13 jul. 2022.

Luciana Chianca

Professora titular no Departamento de Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Etnologia pela Université Bordeaux 2. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9718-877X>. E-mail: lucianachiancaufpb@yahoo.com.br